



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MARCOS ALVES DA SILVA

**EXPERIÊNCIAS SENSORIAIS COM CRIANÇAS DO BERÇARIO DE UM CMEI
DE MACEIÓ/AL: A ÁGUA COMO MEIO DE DESCOBERTA DO MUNDO NA
PERSPECTIVA DAS CRIANÇAS MUITO PEQUENAS**

MACEIÓ

2020

MARCOS ALVES DA SILVA

**EXPERIÊNCIAS SENSORIAIS COM CRIANÇAS DO BERÇARIO DE UM CMEI DE
MACEIÓ/AL: A ÁGUA COMO MEIO DE DESCOBERTA DO MUNDO NA
PERSPECTIVA DAS CRIANÇAS MUITO PEQUENAS**

Artigo Científico apresentado ao colegiado do curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para a obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientadora: Prof. Dr.^a Mariana Guedes Raggi

Maceió

2020

MARCOS ALVES DA SILVA

**EXPERIÊNCIAS SENSORIAIS COM CRIANÇAS DO BERÇARIO II DO CMEI
PROFESSORA FÚLVIA MARIA DE BARROS MOTT ROSEMBERG DA
REDE MUNICIPAL DE MACEIÓ-AL : A ÁGUA COMO MEIO DE
DESCOBERTA DO MUNDO NA PERSPECTIVA DAS CRIANÇAS
PEQUENAS**

Trabalho apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em 08/09/2020.

Orientadora: Profa. Dra. Profa. Dra. Mariana Guedes Raggi (CEDU/UFAL)

Comissão Examinadora

Profa. Dra. Mariana Guedes Raggi (CEDU/UFAL)



Profa. Dra. Suzana Marcolino (CEDU/UFAL)



Profa. Ma.. Viviane dos Reis Silva (CEDU/UFAL)



Prof. Me.Luciano Henrique Silva Amorim (UFAL/ARAPIRACA)

EXPERIÊNCIAS SENSORIAIS COM CRIANÇAS DO BERÇARIO DE UM CMEI DE MACEIÓ/AL: A ÁGUA COMO MEIO DE DESCOBERTA DO MUNDO NA PERSPECTIVA DAS CRIANÇAS MUITO PEQUENAS

MARCOS ALVES DA SILVA

RESUMO

O presente artigo foi idealizado mediante a vivência proporcionada pelo estágio supervisionado II que se desenvolveu na Educação infantil, por ocasião, tendo como lócus o Berçário de uma CMEI do município de Maceió do estado de Alagoas. Este estágio proporcionou a vivência com bebês em processo de adaptação e socialização na creche, na sala e com o educador de referência, bem como a sua inserção na sociedade para além do âmbito familiar. Tem-se como objetivo deste artigo relatar a possibilidade de como a brincadeira utilizando o elemento água, pode ser capaz de auxiliar as crianças pequenas inseridas na educação infantil, por meio de sua percepção sensorial e interação com seus pares, a se apropriar do mundo que as cerca, desenvolvendo e aprimorando a autonomia infantil presente nas brincadeiras. A metodologia abordada foi de cunho qualitativo, com revisão literária a fim de promover comentários críticos, direcionados a ideia para a qual o tema se propõe, além da observação sistemática e relatoria do comportamento dos bebês nas atividades propostas no Estágio supervisionado II. A fundamentação teórica teve como base principal os autores CORSARO (2009); WALLON (2007) e VYGOTSKY (2008), assim como também as Orientações Curriculares para a Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Maceió. Este artigo pretende colaborar para a valorização dos espaços na educação infantil que potencializam a autonomia infantil na perspectiva da construção de suas próprias descobertas na percepção e apropriação do mundo, ressaltando a importância basilar da brincadeira como estratégia pedagógica para o desenvolvimento significativo das crianças pequenas no que tange seu pertencimento a um meio social que exige dos sujeitos à tomada de decisão e a colaboração mútua.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil. Crianças Muito Pequenas. Brincadeira. Interação. Autonomia.

ABSTRACT

The present article was conceived through the experience provided by the supervised internship II that developed in Early Childhood Education, on the occasion, having as locus the Nursery of a CMEI in the city of Maceió in the state of Alagoas. This internship provided the experience with babies in the process of adaptation and socialization in the nursery, in the room and with the reference educator, as well as their insertion in society beyond the family scope. The aim of this article is to report on the possibility of how playing using the water element may be able to help young children in early childhood education, through their sensory perception and interaction with their peers, to appropriate the world that surrounds them, developing and improving the children's autonomy present in the games. The approached methodology was of a qualitative nature, with literary revision in order to promote critical comments, directed to the idea for which the theme is proposed, in addition to the systematic observation and reporting of the babies' behavior in the activities proposed in

Supervised Stage II. The theoretical basis was based on the authors CORSARO (2009); WALLON (2007) and VYGOTSKY (2008), as well as the Curricular Guidelines for Early Childhood Education in the Municipal Education Network of Maceió. This article intends to collaborate for the valorization of spaces in early childhood education that enhance children's autonomy in the perspective of building their own discoveries in the perception and appropriation of the world, emphasizing the basic importance of play as a pedagogical strategy for the significant development of young children in what their belonging to a social environment that requires decision-making and mutual collaboration from the subjects.

KEYWORDS: Child education. Very Small Children. Just kidding. Interaction. Autonomy.

1 INTRODUÇÃO

Com as novas configurações da sociedade capitalista pela ocasião do acelerado processo de industrialização decorrente da globalização, a mulher adentra no mercado de trabalho e cada vez mais as crianças passam grande parte do dia nas creches e pré-escolas. Nesse movimento convive com outras crianças numa relação de suma importância para impulsionar a compreensão sobre o mundo e conseqüentemente o desenvolvimento cognitivo, sendo a educação infantil, a etapa que acolhe estes sujeitos cognoscentes.

A Educação Infantil é a primeira etapa da vida escolar e nela as crianças poderão desenvolver várias singularidades, principalmente, no que diz respeito a sua visão de mundo. Assim, entender a esta etapa como premissa de um desenvolvimento que seja significativo, e ao mesmo tempo pensar um espaço que seja emancipatório, estruturado por atitudes motivadoras, faz-se necessário para auxiliar as crianças pequenas na descoberta do mundo, da sociedade e da vida em meio a seus pares, enfatizando que este é o primeiro espaço de vivência da infância fora da esfera familiar.

Essa visão de mundo é percebida a partir das experiências vivenciadas pelas crianças ampliando seu repertório sobre as coisas e o que conhecem. Além disso, a vivência com seus pares constrói uma rede de interação ampliando o que conhecem sobre os objetos ao seu redor, ao trocar informações e construir ideias. Nesse contexto é de fundamental importância a atuação de profissionais comprometidos com as questões relativas ao desenvolvimento cognitivo, afetivo e social das crianças pequenas que chegam aos berçários. Aos bebês devem ser proporcionadas as possibilidades autônomas de exploração de todas as particularidades que lhes ofereçam descobertas a respeito de si mesmas e do mundo que as cerca. Mas como essa interação entre as crianças é possível com uma turma de berçário?

Pensando nesse público alvo, foi desenvolvido um projeto de intervenção tendo o

intuito de explorar as capacidades sensoriais dos bebês por meio do contato com o elemento água, utilizado como base para brincadeiras que deveriam surgir de forma espontânea e pensadas pelas próprias crianças em plena interação com seus pares. Para isso, propomos desenvolver uma sequência de atividades que pudessem utilizar os cinco sentidos das crianças ao interagir com o elemento água e seus pares. Vejamos que, a interação é parte fundamental no processo de experimentação da criança. Quando uma criança interage com a outra esse movimento proporciona a criação do imaginário diante da situação apresentada, visto que, ao interagir eles criam especulações sobre o ocorrido e discutem entre si, mesmo sem utilizar a fala como instrumento.

Os bebês utilizam sons e gestos para se comunicar, baseando-se nisso pretendemos compreender como a interação na brincadeira com a água impulsiona a aquisição de experiências sensoriais que colaboram para a conquista da autonomia por parte das crianças pequenas em interação com seus pares, bem como a descoberta e apropriação do mundo que as cerca.

A hipótese foi de que a partir das experiências sensoriais nas brincadeiras com a água as crianças consigam se expressar e ampliar sua visão de mundo por meio das atividades desenvolvidas na produção de comportamento autônomos no processo de socialização consigo e com o outro existente na brincadeira, construindo bases para seu desenvolvimento cultural e social.

De acordo com Brougère (1997 p. 82)

[...] num primeiro momento, as brincadeiras como forma de interpretação de significados contidos nos brinquedos e estes, portanto, como suporte de representações, que contribuem para a socialização das crianças e permitem o acesso aos códigos culturais e sociais necessários para a formação do indivíduo social.

Com base nas vivências oportunizadas pela ocasião do Estágio Supervisionado II, vamos discorrer a respeito das possibilidades levantadas pelas atividades propostas com os bebês do berçário, bem como relatar como tais atividades foram de suma importância para a ampliação do olhar dos estudantes do curso de pedagogia no que tange a necessidade de incentivo a autonomia das crianças pequenas desde a educação infantil, o que irá promover uma formação cultural e social que seja emancipatória para os sujeitos aprendentes na primeira infância.

A pesquisa é de cunho qualitativo exploratória, valendo-se da leitura sistemática de autores que versam sobre as temáticas pertinentes ao desenvolvimento infantil como Galvão (2020) que discorre a respeito da concepção dialética do desenvolvimento infantil, Haddad (2015) nas Orientações Curriculares para a Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Maceió, Corsaro (2009) que faz uma discussão a respeito da reprodução interpretativa e cultura de pares, Vygotsky (2008) na obra *A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança*, Wallon (2007) em *A evolução psicológica da criança*, dentre outros autores que deram suporte bibliográfico de significativa importância para o presente artigo.

Ao longo deste artigo, por meio do levantamento teórico e relatos das intervenções realizadas no estágio supervisionado II do curso de pedagogia, iremos descrever a importância da educação infantil, dando foco para o berçário, local onde se desenvolveu o projeto de estágio, e as possibilidades criadas quando profissionais desta etapa educacional, tomam como estratégias a realização de atividades que englobam a brincadeira em interação com elementos do cotidiano das crianças, auxiliando no processo de emancipação e construção social dos sujeitos da primeira infância no que tange a apropriação do mundo que os cerca.

2 MARCO TEÓRICO

A Educação Infantil é o primeiro acesso das crianças ao espaço escolar, essa fase é importante porque, nela, as crianças irão experimentar novas descobertas em diferentes eixos de aprendizagem. Nessa perspectiva, a Educação Infantil caracteriza-se pelo aprender brincando, ou seja, a brincadeira é entendida como uma ferramenta impulsionadora do desenvolvimento cognitivo na escola desde o trabalho na pré-escola até mesmo com os bebês. Como podemos constatar ao debruçarmos sobre a literatura de Vygotsky (2008), observa-se que o desenvolvimento infantil começa antes mesmo da criança começar a falar, por meio da interação do sujeito e o meio social. Dessa forma, a interação social promove a aquisição do conhecimento adquiridos de maneira interpessoal. Além disso, os sujeitos ao interagirem trocam informações uns com os outros assimilando o que já sabem com os novos conhecimentos, construindo assim novas competências.

Nesse sentido, as brincadeiras aparecem como formas lúdicas dos sujeitos interagirem e aprenderem por meio do contexto social no qual estão inseridos. Para Vygotsky (2008) o aluno/aluna não é o sujeito que absorve o conhecimento, mas aquele que interage com o meio e sistematiza o que aprende com outros sujeitos. Assim, a brincadeira é compreendida por

Vygotsky (2008, p. 26) como um afeto generalizado, entendendo que “A essência da brincadeira é que ela é a realização de desejos, mas não de desejos isolados e sim de afetos generalizados”. Ou seja, a brincadeira desencadeia uma série de interação possibilitando o desenvolvimento da aprendizagem com aquilo que o grupo social ao qual pertence produz.

A brincadeira é produção cultural passada de geração em geração trazendo aspectos do afeto generalizado, mas esses aspectos não são compreendidos pelas crianças que brincam sem saber a finalidade da brincadeira, se perguntar para uma criança por que está brincando dificilmente identifica o motivo, mas está naquela atividade por sentir prazer. Outro ponto importante é o desenvolvimento da imaginação, pois durante o ato de brincar as crianças criam diversas situações pelo seu imaginário.

Nesse contexto, abordar a temática água com as crianças do berçário possibilita o desenvolvimento da brincadeira por meio da experimentação, do seu imaginário, além da interação com outras crianças presentes no meio social. Vejamos que, segundo Wallon (1968, p.35)

Experimentar é realizar certas condições nas quais se devem produzir certos efeitos, é pelo menos introduzir nas condições uma modificação conhecida e anotar as modificações correspondentes do efeito. Deste modo poder-se-á comparar o efeito à sua causa e medi-los um pelo outro.

Assim, as atividades lúdicas com a água proporcionam essa experimentação produzindo um efeito sobre a visão de mundo das crianças. Ao observar essas interações colocamos nosso sentimento enquanto futuros pedagogos e pedagogas, pois se percebe como os bebês interagem ao explorar as atividades propostas. Vale destacar que, a percepção sobre o mundo começa cedo nas crianças, a partir dos três meses de idade. Segundo Galvão (2002, p. 83)

A partir de três meses, a criança começa a estabelecer ligações entre seus desejos e as circunstâncias exteriores; o reflexo condicionado se torna possível. Desde então, e mesmo anteriormente, aparece o sorriso, manifestação notável, aliás, interpretada diferentemente por diferentes (DISTINTOS) observadores.

O desenvolvimento da percepção com relação ao mundo e seu contexto perpassam pelas experiências vivenciadas pelas crianças, iniciando seu despertar na sociedade. Nessa perspectiva, as atividades sensoriais utilizando o elemento água implicam no despertar das emoções com o meio social. A emoção é compreendida pela criança como uma manifestação natural, ou seja, ela se move por que sente emoção, as atitudes nessa faixa etária são puramente instintivas emitindo sons quando algo lhe chama atenção.

De acordo com Galvão (2002, p.84)

Nesse estágio, a emoção estabelece um vínculo muito forte entre os indivíduos do grupo, cuja coesão garante. Sem estabelecer um paralelismo muito acentuado entre a história da espécie e o desenvolvimento do indivíduo, cumpre admitir que a criança, nessa idade, está num estágio emocional inteiramente análogo. Mais tarde, ela terá de distinguir sua pessoa do grupo, terá de delimitá-la por meios mais intelectuais: por ora, trata-se de uma participação total, de uma absorção no outro, profundamente fecunda.

Nesse sentido, as emoções movem o interacionismo com as outras crianças na aplicação das atividades investigativas, por serem bebês, como afirma Bonome (2010, p. 367)

[...] atividades regulares de brincadeira em conjunto, mediadas por um adulto, favorece o desenvolvimento da criança pequena no contexto de creche em termos de aumento na participação em brincadeiras, aumento das interações positivas com outras pessoas [...]

Outro fator importante é a interação com o “pesquisador” ou os adultos presentes durante as intervenções, pois ao desenvolver as atividades os adultos fazem parte do processo de interação entre os bebês e a água na execução do plano de trabalho. Nesse sentido, os bebês reagem pelas suas emoções com o que está sendo proposto, entretanto, para o tratamento das singularidades presente em cada faixa etária se faz necessário que os profissionais da educação infantil conheçam como a criança vai se desenvolver ao longo do

tempo, compreendendo como as atividades serão direcionadas otimizando o processo de ensino e aprendizagem dos sujeitos aprendentes ou cognoscentes.

Como afirma Fernandes (2012, p. 258)

[...] o papel do educador na educação dos pequenos, estimula, de forma provocadora, a refletir sobre a necessidade premente da construção de uma profissionalidade capaz de se libertar da expectativa de resultados e objetivos predeterminados.

É notório neste processo, que alguns profissionais da educação infantil não tomam as brincadeiras como uma ferramenta de ensino e aprendizagem, pois acreditam que é algo inerente da criança fazendo somente para diversão sem direção pedagógica, contrariando assim as diretrizes da BNCC. Entretanto, as brincadeiras têm grandes potencialidades para o desenvolvimento infantil, o que de fato acontece é que, para uma brincadeira impulsionar a aprendizagem se faz necessário o olhar atento do/da educador/educadora de referência, entendendo as singularidades e demandas daquele meio social. Nessa perspectiva o educador/a educadora é o mediador/mediadora das atividades e facilitadora /facilitador das experiências não sendo detentor de todo saber, como afirma Chiovatto (2000, p.3)

O professor não é um “vaso”, um receptáculo repleto de informações e conhecimentos a ser dali retirados e dados aos alunos. O professor é um ser pensante e de ação. Através da reflexão e da ação, deve ser capaz de estabelecer ligações entre os conteúdos a serem transmitidos e as demandas e necessidades do processo educativo pelo qual passam seus alunos, suas respostas em relação ao assunto tratado e, na soma disso tudo, reavaliar suas próprias opiniões. Estabelecer ligações, sem impor uma determinada “verdade”, é o aspecto mais delicado da tarefa docente.

Dessa forma, trabalhar com atividades ligadas a água amplia a percepção das crianças com relação ao mundo, entretanto as atividades desenvolvidas pelo educador de referência devem ser adequadas para a faixa etária possibilitando a compreensão do processo de

significação e interação por parte das crianças. Assim, de acordo com o autor Chiovatto (2000, p.3)

[...] o professor é responsável por criar liames entre todas as fontes, estabelecendo um terreno de sustentação para o desenvolvimento das capacidades globais do aluno: ele é o responsável por auxiliar nos processos de significação dos conteúdos.

Essa visão em torno do ensino e aprendizagem só foi possível a partir da compreensão de como os sujeitos cognoscentes aprendem, por meio dos estudos de Vygotsky (2008). Percebe-se o papel da interação nesse processo de significação e assim desenhar novas metodologias de ensino tendo como centro a aprendizagem significativa, ou seja, entender que os sujeitos aprendentes, não são tábuas rasas, possibilitaram elaborar novas atividades que usassem o raciocínio e o engajamento.

Percebe-se que, o engajamento do grupo em torno da atividade é uma ferramenta, no qual, ao estarem engajados os sujeitos interagem um com o outro criando conceitos sobre as atividades que estão sendo propostas. Isso acontece também ao desenvolver atividades com os bebês, visto que, a interação e o engajamento se fazem presente nessa fase que as crianças não possuem a linguagem como meio de comunicação. Segundo Corsaro (2009, p.32) “um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e interesses que as crianças produzem e compartilham na interação com seus pares”. Ao compartilhar, as crianças estabelecem uma relação dialógica mesmo sem utilizar a fala, pois utilizam expressões e sons para estabelecer um engajamento com seus pares.

As crianças pequenas comunicam por meio da interação com aquilo que demonstram interesse e emitem sons aprovando ou desaprovando o que o adulto propõe. Para Silva (2012, p.10) grande pesquisador dos escritos de Corsaro compreende que, “Segundo o pesquisador, as crianças querem criar e compartilhar emocionalmente o poder e controle que os adultos têm sobre elas”, isso possibilita o tratamento da interação entre adulto e crianças ao desenvolverem as atividades sensoriais por meio do ambiente molhado.

Trabalhar com atividades no meio aquoso é um grande desafio tanto para quem propõe as experiências como para as crianças, por isso, um plano de intervenção é elaborado para

adequar cuidadosamente o que está proposto para a faixa etária proporcionando um ambiente significativo de aprendizagem, interação e exploração do mundo.

Além disso, o ambiente influencia no processo de interação, visto que, criar um ambiente chamativo promove a liberdade das crianças para executar as atividades, isso já é discutido por Fortunati (2009). O autor compreende que o ambiente precisa ser organizado de forma criativa, aberto e fechado, seja amplo e pequeno, para que as crianças possam se locomover com autonomia encontrando-se traços no espaço da sua vida real e com liberdade para encontrar o outro e ser capaz de interagir.

Nessa perspectiva, o projeto de intervenção foi desenvolvido pensando no ambiente, na liberdade para os bebês interagir com seus pares e realizar as atividades, visualizando espaços conhecidos por eles na vida real, como a banheira e a bacia lugares que armazenam água e que em interação com seus corpos constituem um mundo a ser explorado e conhecido.

3 O CAMPO DE REALIZAÇÃO DAS INTERVENÇÕES/ATIVIDADES

O campo onde o estágio em questão foi desenvolvido foi o Centro Municipal de Educação Infantil Fúlvia Maria de Barros Mott Rosemberg, localizado na Avenida Alice Carolina no bairro do Village Campestre II, Cidade Universitária, Maceió - AL.

A comunidade atendida é de classe média baixa, formada por trabalhadores assalariados e donas de casa. O contexto social é periférico, estando a CMEI em área de vulnerabilidade social. As crianças em sua maioria são oriundas de famílias que residem na redondeza, algumas indicadas por funcionários da escola e outras vindas de bairros vizinhos.

A CMEI tem parceria com a Universidade Federal de Alagoas, uma vez que é campo de estágio para estudantes da citada instituição de ensino superior, neste caso, do curso de pedagogia. Durante o período que as intervenções relatadas neste artigo, foram desenvolvidas, estavam sendo realizadas intervenções de alunos do curso de agronomia, também da UFAL, os quais desenvolveram o projeto de uma horta na turma do berçário II.

Existia ainda, uma parceria com a CMEI do bairro próximo, Graciliano Ramos, que atuava como “madrinha” da CMEI em questão, devido a questões burocráticas, uma vez que a CMEI que foi campo de estágio, não possuía ainda conselho escolar para administrar os recursos, desta forma a SEMED envia os recursos para a CMEI “madrinha” que faz as devidas compras e encaminha para o centro de Educação Infantil amadrinhado.

O Centro Municipal de Educação Infantil que serviu de campo para as vivências, bem como a realização das intervenções relatadas no presente artigo, foi inaugurado no dia 02 de

dezembro do ano de 2015, junto a outras duas CMEI's, a saber, CMEI José Madlton Vitor da Silva no bairro do Benedito Bentes e a CMEI Ana Carolina Galina Fortes localizada no Conjunto Eustáquio Gomes de Melo, a inauguração dos centros municipais de educação infantil foram realizadas neste período, pelo prefeito da época Rui Palmeira e a secretária de educação Ana Dayse Dórea, tendo sido um ato comemorativo por ocasião da passagem dos 200 anos da Cidade de Maceió, capital do Estado de Alagoas.

O Centro de Educação Infantil Fúlvia Maria de Barros Mott Rosemberg, irá completar dia 02 de dezembro de 2020, cinco anos de atuação, trata-se de uma instituição jovem e em constante progresso, podemos enfatizar que a instituição está construindo sua historicidade e sua identidade como instituição comprometida com a educação infantil, inserida na comunidade do Village Campestre II, tendo esta em seu quadro de profissionais, um homem que na época em que o estágio supervisionado foi desenvolvido, atuava exatamente no berçário II, o que podemos dizer que é um marco histórico para a educação infantil no Município de Maceió, uma vez que a figura masculina dentro desta etapa específica da vida pré-escolar, ainda é vista como um tabu a ser combatido e superado, salientando que é atribuído a figura feminina a economia do cuidado, que por sua vez é tida como máxima social para o trabalho com as crianças pequenas.

A CMEI tem como patrona a Psicóloga Fúlvia Maria Mott Rosemberg, formada em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP) em 1965 e doutorada em Psychobiologie de l'Enfant - Ecole Pratique des Hautes Etudes / Università de Paris, em 1969. Durante sua vida desenvolveu estudos sobre ideologia e educação, consolidando uma trajetória profissional que ampliou a contribuição da psicologia para a compreensão das relações raciais e de gênero no Brasil, já no campo da educação infantil, atuou com ênfase na psicologia social e estudos sociais da infância, principalmente, abordando as temáticas de relações raciais, relações de gênero, relações de idade, ação afirmativa, educação e educação infantil.

4 RELATO DE EXPERIÊNCIAS SENSORIAIS COM BEBÊS DO BERÇÁRIO: A ÁGUA COMO BRINQUEDO NA APROPRIAÇÃO DO MUNDO NA PERSPECTIVA DAS CRIANÇAS PEQUENAS.

O relato de experiência apresentado no presente artigo é fruto da vivência proporcionada pela execução do Estágio Supervisionado II, do curso de pedagogia licenciatura plena do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, ofertado no 6º período noturno no ano de 2018, por ocasião tendo como campo de estágio a educação

infantil, visando assim o refinamento do conhecimento dos futuros pedagogos e futuras pedagogas no tocante a teorias aprendidas na academia e postas em prática por meio da elaboração de planos de trabalho e projeções que foram executadas em uma CMEI do Município de Maceió, capital de Alagoas.

No projeto proposto para o estágio em questão, utilizamos a água como brinquedo, escolhemos esse meio para a experimentação dos bebês, por este ser um elemento da natureza com o qual todos os seres vivos interagem e dependem para a manutenção da vida, estando presente no ciclo vital de praticamente todos os organismos que habitam o planeta Terra, e no caso dos seres humanos, até mesmo na vida intrauterina. Então nomeamos o projeto que foi desenvolvido com o título *Água um brinquedo de vida: Uma experiência sensorial para crianças do berçário*.

As orientações curriculares para educação infantil do município de Maceió de 2015 fazem menção à necessidade que a educação da criança tem de orientar-se de tal forma que venha possibilitar o seu desenvolvimento nos aspectos individual, social, cognitivo e claro socioambiental. Desta forma, trabalhar com o elemento água no berçário, e de tal modo aplicar o que delineia as orientações curriculares do município para a educação infantil.

Quando buscamos referências sobre a água sendo abordada nos espaços de referência, bem como, nas salas de aula para ensino fundamental na primeira e na segunda etapa, encontramos algumas descrições nos Parâmetros Curriculares Nacionais e atualmente na Base Nacional Comum Curricular. Ambos os documentos abordam os cuidados cotidianos que a sociedade deve ter com a água, tanto em sua preservação (poluição e economia de água), cuidados com a natureza e em seu uso no cotidiano, com o uso na higiene, hidratação do corpo e no preparo de alimentos. Os Parâmetros Curriculares Nacionais abordam mais os modos de distribuição da água e seu estado na natureza, escoamento, entre outros. E a Base Nacional Comum Curricular, além das referidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais também aborda os estados físicos e o ciclo hidrológico.

Tomando como referência as Orientações curriculares do município de Maceió, que diz que cada criança tem características, interesses, capacidades e necessidades únicas, ressaltando também que as crianças pequenas são extremamente sensíveis ao seu entorno, buscamos propor experiências sensoriais de forma lúdica, deixando a cargo das crianças, interessarem-se ou não pelas experiências propostas, exercitando e desenvolvendo assim a autonomia.

O plano de trabalho inicial, contou com dez experiências sensoriais, subdivididas no total de oito sessões, que deveriam compreender o tempo máximo de realização do estágio

supervisionado. Destas dez experiências sensoriais, elencamos no presente artigo, as que mais apresentaram êxito no que diz respeito ao processo de autonomia na apropriação do mundo que a educação infantil pode proporcionar às crianças pequenas em face da primeira infância por meio das brincadeiras e das percepções empíricas dos bebês, neste caso do berçário, sendo este a porta de entrada da educação infantil.

Abaixo apresentamos as estratégias, recursos, percepções e avaliação de cada experimento selecionado como base para este trabalho.

4.1 Sessão nº: 01, data de realização: 12 de setembro de 2018

Experiência sensorial 1 – Eu e a água, um mergulho de vida.

Recursos: Piscina para crianças, água.

A projeção proposta foi realizada na parte externa da sala de referência, local nomeado como quintal, por ser mais amplo e ter torneira a disposição, estavam presente neste dia seis crianças, sendo quatro meninas e dois meninos, acompanhados por quatro adultos que eram os dois estagiários, o educador de referência e a auxiliar de referência.

Ao colocar a piscina para encher com a água, de súbito houve a motivação para brincar, a Menina 1 decidiu controlar a água que saía da torneira, a Menina 2 junto com a Menina 1 nem esperaram a piscina encher e prontamente entram na água, o educador de referência resolveu incrementar a brincadeira levando uma grande bacia que ficava na sala com brinquedos, esta foi também usada como piscina, a Menina 3, logo de início não quis participar da brincadeira e o Menino 1 preferiu encher a bacia copo a copo para que os demais pudessem brincar utilizando a segunda piscina, neste momento ficou evidente que cada Bebê tomou sua iniciativa de forma individual e autônoma.

A adesão à brincadeira se deu livremente por parte de cada criança, os adultos presentes só preparam o espaço, contudo foram os bebês que decidiram brincar com a piscina, com a bacia e a água. As brincadeiras foram surgindo de forma espontânea, alguns estavam preocupados em encher a bacia, outros estavam batendo na água retirando som e esguichos, que se tornavam motivo de grande euforia. A menina 2 resolveu pegar uma pequena xícara para tomar deliciosas coladas de água, na qual estava mergulhada, já a Menina 3 preferiu observar as brincadeiras sem participar, o Menino 1 impulsionado por uma curiosidade investigativa preferia testar as possibilidades e explorar o elemento água com a particularidade de uma pequena porção de bolhas formadas na superfície que escorria buscando o encontro da canaleta que capta a água pluvial, começando então uma brincadeira que vamos denominar de “brincando de cientista”, começou, então a seguir o caminho que a água fazia levando consigo a espuma observada pelo bebê.

Na brincadeira do Menino 1, o que mais chamou atenção foi justamente a visão atenta e investigativa com a qual ele brincava ao observar o fato relatado anteriormente, e não se dando por satisfeito quando a espuma seguiu seu curso e desapareceu, ele (o menino 1) resolveu derramar a água da bacia, e novamente observou a espuma que se formará, a tomou como referência e seguiu-a atentamente durante todo o percurso que ela fazia deslizando sobre a água, quando novamente a espuma seguiu o curso e desapareceu, o bebê não se dando por vencido, pisou a água para experimentar o que aconteceria, dando início a uma nova experiência/brincadeira.

4.1.1 Experiência sensorial 2- Água quente que dói e fria que arrepia.

Recursos: recipiente com água morna, recipiente com água gelada e gelo.

Todas as crianças estavam brincando livremente com as piscinas, contudo foi necessário convidá-las a fazer uma nova experiência, desta vez o Menino 2 não quis participar e sua escolha foi respeitada, uma vez que os adultos presentes não tentaram conduzi-lo a participar.

Dispomos dois recipientes com água em temperaturas distintas, a ideia foi possibilitar às crianças a sensação causada pelo quente e o gelado, objetivando um possível conhecimento primário sensorial da temperatura.

Sentadas em fila, todas as crianças foram convidadas a pôr as mãos dentro dos recipientes, primeiro de água gelada, que inclusive estava com uma pedra de gelo imersa. A Menina 1 apreciou de tal forma a sensação das mãos mergulhadas na água gelada que não quis deixar passar sua vez, já o Menino 1 teve certa aversão à proposta, porém depois aderiu tranquilamente, derramou até um pouco da água no local onde estava sentado e caiu na gargalhada ao sentir a água gelada que corria por baixo de si.

Embora esta projeção tenha sido puramente sensorial e desprovida de ludicidade, o que poderia torná-la menos atrativa, observou-se que a curiosidade das crianças as motivou a participar, excerto a Menina 2 que não demonstrou interesse.

4.1.2 Avaliação da sessão:

Concluimos que o elemento água é causador de grande fascínio para os bebês, a adesão autônoma a projeção pensada e a elaboração de brincadeiras espontâneas com a água, nos possibilitou identificar que as crianças pequenas aderem com maior facilidade a espaços que lhes são atrativos, novos e de certa forma lhes possibilita o impulso vivencial da imaginação, locus fértil para criatividade na primeira infância, com a qual as crianças pequenas começam a compreender o mundo ao seu entorno, tomando como referencial seu próprio corpo.

Segundo Dias (2004) a criança toma como primeiras referências para compreender o mundo que a cerca seu corpo, sendo este instrumento máximo para a produção e condução da brincadeira, foi exatamente isto que conseguimos observar a respeito das crianças brincando na água, uma vez que utilizavam seus corpos, braços e pernas, ao bater na água, por exemplo, para tirar esguichando e sons que foram motivo de grande curiosidade e alegria no ciclo das brincadeiras daquele momento, tendo ainda sido o corpo que sentiu o quente e o frio na segunda projeção que proporcionou a sensação térmica que ficou evidente nas expressões faciais dos bebês, que demonstravam, por exemplo, surpresa, espanto e por que não falar motivos de gargalhadas empolgantes até para os adultos presentes.

Parafraseando o que diz Pierre Weil em seu livro o corpo fala: Também nosso corpo é antes de tudo um centro de informação para nós mesmos. (Weild, livro o corpo fala, prólogo), podemos chegar a conclusão que as crianças pequenas tomando o corpo como referência, vão desvendando o mundo ao seu redor e dele se apropriando.

4.2 Sessão nº: 02, data de realização: 27 de setembro de 2018

Experiência sensorial 4- Água que vira tinta:

Recursos: Água, farinha de trigo, corantes, telas feitas de pratinhos de isopor reutilizados e pincéis.

Neste dia estavam cinco crianças e três adultos, a proposta foi fazer uma projeção artística que deveriam surgir da interação dos bebês, com tintas que eles mesmos deveriam produzir a partir da mistura de farinha de trigo, corantes e água, o que não deu certo, pois não houve adesão. As crianças se motivaram significativamente no momento de pintar, contudo, por não terem ainda uma coordenação motora bem trabalhada, abandonaram a ideia dos pincéis, passando a utilizar os dedos, foi quando o educador de referência sugeriu para utilizarmos os pratos de isopor como suportes para a mistura das tintas, trazendo-nos um plástico para que as crianças pudessem pintar livremente, criando após um mural que ficaria exposto na sala de referência.

4.2.1 Avaliação da sessão:

Nesta sessão tivemos que reprogramar o planejado, já que não levamos em consideração que as crianças do berçário II ainda estão em fase de desenvolvimento da coordenação motora, infelizmente fomos calçados com a precária visão adultocêntrica. Porém as próprias crianças ao abandonarem os pincéis e começarem a utilizar os dedos, levaram-nos concluir que as crianças pequenas mudam de estratégia de forma autônoma a ponto de readequar algumas situações a sua própria realidade, se valendo dos desejos e vontades

afetivas que o momento lhes oferece como campo de brincadeira/construção imaginária do mundo que as cerca nas interações com seus pares.

4.3 Sessão nº: 04, data de realização: 03 de outubro de 2018

Experiência sensorial 10- Água que tem e dá vida:

Recursos: Aquário sensorial (feito com plástico lacrado, gel para cabelo e peixes feitos de E.V.A), pequeno aquário com peixe vivo, canteiro existente no espaço de referência, garrafa pet para utilizar como regador.

No berçário II do CMEI, estavam como de costume cinco crianças e quatro adultos. Neste dia os bebês estavam um tanto agitados, a nossa proposta foi tentar realizar quatro projeções, já que tínhamos nos atrasado devido alguns imprevistos acontecidos com os estagiários e também na rotina do próprio CMEI. Iniciamos o dia trazendo para as crianças a proposta de ver a água como fonte de vida, local de encontro de alimento e também de moradia enquanto habitat, (Não buscamos trabalhar estes conceitos tão abstratos com os bebês).

Nossa primeira experiência foi o replantio de muda de morango, nesta projeção apenas o Menino 3 se motivou a participar, uma vez que ao ver a planta na terra quis rega-la, inferimos que o menino em questão fez conexão com suas possíveis vivências de âmbito familiar, motivando-o ao impulso de realizar uma atividade benéfica para a planta demonstrando seu conhecimento primário a respeito da importância da água para sustentar a vida, no caso, da planta, além do que evidenciar a capacidade que as crianças pequenas têm de imitar o comportamento dos adultos por meio das brincadeiras, dando novos significados aos objetos e as situações, visando atender seus desejos e compreensão de mundo (Benjamin, 2002).

Ao mudar para sala de referência, apresentamos dois peixinhos dourados para os bebês, o que chamou a atenção de todos. A Menina 2, que apresentou perfil de liderança e iniciativa nas demais brincadeiras, oralizou a seguinte frase: **“O pexe mode!”**, neste momento identificamos que ela já havia tido algum tipo de contato com peixes e/ou alguém havia lhe induzido a crer que os peixes mordem, mesmo após a oralização da Menina 2, a Menina 1 continuou com os peixinhos assumindo o papel de guardiã dos mesmos, uma vez que apenas se aproximava para observar os peixes quem fosse permitido por ela, as demais crianças (Menino 3 e Menina 3) também se interessaram pela observação dos animais em seu habitat aquoso, a única que ficou a distância foi exatamente a Menina 2, o que nos mostrou o quanto a indução do adulto pode podar a curiosidade das crianças pequenas.

Na projeção com os peixes, todos queriam pôr a mão na água na tentativa, talvez, de entender em que ambiente aqueles animais estavam sobrevivendo, então demos início ao segundo momento da sessão, apresentamos um saquinho sensorial, feito com gel para cabelo, corante azul, estrelinhas e alguns peixinhos confeccionados com E.V.A. Nessa projeção as crianças ficaram livres para sentir a textura no plástico e associar livremente a textura à água presente no ambiente aquoso no qual os peixes vivem, a proposta foi montar um aquário que as crianças pudessem pressionar, tocar nos peixes sem matá-los, fazendo o experimento empírico, natural na primeira infância, para o entendimento do mundo a partir dos sentidos, no caso relatado, o tato, neste momento foi possível proporcionar a interação dos bebês na tomada de decisão de quem era a vez de segura e explorar o saco tátil.

O Menino 3, aparentando estar na fase oral de desenvolvimento, ou seja, no levar os objetos até a boca com o objetivo de explorar e conhecer o mundo que o cerca a partir da descoberta de texturas, sabores e sensações, não fez cerimônia e levou o saco sensorial até a boca por diversas vezes, os adultos que estavam ao redor com cuidado para que o saco não rasgasse o que poderia levar o menino a ingerir acidentalmente o gel, buscavam sempre mediar à situação, sem que houvesse intervenções bruscas ao ponto de bloquear a curiosidade do bebê.

4.3.1 Avaliação da sessão:

A sessão foi bem acolhida pelas crianças, todas em algum momento quiseram participar, apalpando e sentindo a textura, pegando nos peixinhos, por exemplo, o que não foi possível com os peixes reais, devido sua fragilidade vital. O uso do saco sensorial é interessante para que as crianças comecem a criar o conceito básico de textura e aprimorar a sensação tátil, uma vez que além do gel, podem ser inseridos dentro do saco objetos que a criança possa tocar, sentir sua estrutura e textura, valendo lembrar que a escolha dos objetos deve ser cautelosa, evitando objetos pontiagudos ou cortantes que oferecem risco para os bebês e também podem rasgar o saco sensorial, acabando com a brincadeira.

Nesta sessão pudemos observar como os bebês organizaram a ordem de quem deveriam explorar o brinquedo/brincadeira, alguns demonstraram um comportamento mais altruísta partilhando com os pares e outros tenderam a um comportamento egoísta de querer satisfazer sua individualidade.

4.3.2 Experiência sensorial 9-Água que tem som:

Recursos: Caixa de som, áudios baixados da internet (chuva, mar, cachoeira entre outros.), recipiente grande com água, colheres de madeira e chuveiro.

A projeção tinha como objetivo possibilitar às crianças a audição de sons diversos que são produzidos pela água na natureza. Com uma garrafa pet de refrigerante, reproduzimos alguns sons e logo após passamos a garrafa para que os bebês retirem sons por si mesmos, surgindo uma brincadeira semelhante ao chocalho.

Nos áudios as crianças conseguiram reconhecer o som da chuva, fato que ficou evidente quando a Menina 1 oralizou: “*Uva.*” se referindo ao som da chuva que havia escutado reproduzido pelo equipamento de som, colocamos ainda cantiga infantil que fala sobre a importância da água e sua colaboração para vida no planeta, que trouxe o impulso dos pequenos na tentativa de cantar junto e acompanhar o ritmo com o corpo, fato manifesto no balançar-se e no bater palmas, tamanho foi o envolvimento dos bebês com a música que o Menino 1 chegou a esboçar choro ao finalizarmos o momento. As reações emotivas e afetivas foram diversas, trazendo a conclusão de que a musicalidade traz em si um forte elemento afetivo para as crianças pequenas, o que a torna uma estratégia/recurso basilar para a educação infantil.

4.3.3 Avaliação da sessão:

Nesta sessão percebemos que o excesso de projeções pode causar não adesão, por motivos diversos, entre eles cansaço e falta de interesse, desta forma inferimos que muitas atividades dentro da rotina da criança pequena tenderá a trazer mais transtornos que possibilidades de desenvolvimento.

Com relação ao momento com os peixes vivos e o aquário sensorial, concluímos que as crianças, em sua maioria, possuem uma afeição quase que inata, por animais, o que poderá ser utilizado desde os primeiros anos no ambiente da educação infantil, como mecanismos motivadores para a construção/aquisição/assimilação do conhecimento, seja este social, cognitivo ou emocional conforme versam diversos documentos (PNE, PCN's, BNCC entre outros) que norteiam a educação no Brasil. Já com os sons, fomos capazes de mensurar que as crianças utilizando sua corporeidade, respondem desde muito pequenas aos estímulos musicais como o ritmo e a harmonia, sendo capazes de acompanhar o compasso com reações corporais que desencadeiam gestos primários de dança e ritmo trabalhando a coordenação motora, possibilitando ainda a compreensão e domínio da sonoridade que corresponde ao mundo, fator que vai construindo a capacidade de abstração dentro do processo cognitivo dos sujeitos aprendentes.

4.4 Sessão nº: 05, data de realização: 04 de outubro de 2018

Experiência sensorial 7- Água que borbulha:

Recursos: Água, lava-louças neutro, copos reutilizados de iogurte, arame galvanizado, fita adesiva colorida e lacre de garrafa pet.

Nesta sessão contamos com a presença de quatro crianças e três adultos, cada criança recebeu um recipiente com água com sabão com o objetivo que fizessem as bolhas soprando em um arco confeccionado utilizando o arame, a fita colorida e o lacre de garrafa pet, contudo a atividade não teve êxito, uma vez que os bebês não conseguiram fazer as bolhas de sabão, logo resolvemos mudar a estratégia: os adultos faziam as bolhas de modo a aguçar a curiosidade das crianças, que poderiam ou não seguir a motivação de observar aqueles novos elementos no ambiente (as bolhas).

O encantamento curioso dos bebês com as bolhas de sabão aconteceu de forma imediata, fato evidenciado nas diversas tentativas de apanhar as bolhas, além do fato de que quando já não as alcançaram devido à altura que estas estavam, as crianças ficavam observando o caminho que elas percorriam no ar, buscando, talvez entender como aquele corpo conseguia se assemelhar aos pássaros em voo livre, essa foi a sensação causada nos adultos a partir da observação atenta dos bebês, o que não significa dizer que era isso que se passava na mente deles, a interação se dava quando vez ou outra, um bebê buscava mostrar ao outro as bolinhas que alçavam voo. No decorrer da projeção algumas crianças entraram na bacia que estava com água e brincaram com alguns objetos que lá estavam disponíveis, deixando totalmente de lado a proposta das bolhas de sabão, e seguindo a perspectiva de seus interesses afetivos, mostrando mais uma vez que os interesses dos adultos, não serão capazes de interferir na escolha das brincadeiras infantis.

4.4.1 Avaliação da sessão:

A proposta prendeu a atenção das crianças por um curto período de tempo, o que pode ter ocorrido por ter sido atividade desenvolvida diretamente pelos adultos que não são seus pares, ou ainda, muito possivelmente, por não haverem sido capazes de atender as vontades e desejos daquele momento afetivo dos pequenos, o que tornou visível, mais uma vez, a capacidade autônoma que as crianças pequenas têm de buscar seus interesses na representação do mundo mediante suas perspectivas da brincadeira com seus pares.

Sendo a educação infantil, e o berçário como porta de entrada, lócus privilegiado, e por que não dizer primordial para o desenvolvimento dos sujeitos cognoscentes, desde as mais tenras idades, quando estes são inseridos em processos de convivência social com seus pares, além de adultos que estejam prontos a estimular a autonomia própria do universo infantil, na descoberta do mundo por meio das brincadeiras espontâneas empreendidas pelas próprias crianças.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A brincadeira vista dentro do espectro do desenvolvimento da criança em idade pré-escolar, não pode ser interpretada como o ponto principal deste desenvolvimento, todavia ela tem função importante, quando ponderamos que a brincadeira parte do desejo de satisfação ou não da criança a partir da atividade desenvolvida que abarca aspectos afetivos de suas vivências dentro e fora do ambiente “escolar”, negar tal realidade, ou torná-la máxima na pré-escola, pode tendenciosamente criar um ambiente de negligência com a aprendizagem no tocante ao processo de socialização pelo qual as crianças pequenas assimilam regras, rotinas e atitudes fundamentais para sua vivência em meio social, salientando ainda que é neste momento de vida, que com maior intensidade os sujeitos da primeira infância começam a construir as bases afetivas que desembocam na vida adulta como as capacidades de autonomia, tomadas de decisão e por que não falar de autoestima.

Quando em nossas intervenções propomos brincadeiras utilizando a água e o corpo, lembramos o que Dias (2004) pondera sobre o processo de simbolização das crianças pequenas, que tomam o próprio corpo como referência, *“primeiro objeto de referência da criança para se localizar no mundo que a cerca. O corpo que não é isolado em si mesmo, mas um corpo que se significa a partir da coexistência com os demais corpos do espaço, este que precisa ser percebido e experimentado numa lógica investigativa que a criança pré-escolar traz em seu comportamento”*.

A vivência proporcionada pelo estágio supervisionado II foi de suma importância, uma vez que proporcionou o aprimoramento do olhar, por parte dos acadêmicos em questão, a respeito da educação infantil, principalmente em se tratando na lida com sujeitos que estejam na primeira infância, levando a reflexão de que o universo infantil é dotado de autonomia e espontaneísmo que precedem a visão curricular adultocêntrica imposta pelas burocracias conteudistas, podemos então dizer que o planejamento pré-escolar ou escolar, deve ser aberto e flexível, tendo sempre como objetivo o desenvolvimento das atividades propostas em ritmo que acompanhe a realidade primeira dos sujeitos educativos e depois da realidade das instituições de ensino, se houver espaço para tal, valorizando e incentivando o impulso autônomo das crianças.

Concluimos então que a adoção da brincadeira no ambiente pré-escolar, aliado a elementos do cotidiano dos bebês, é capaz de despertar por meio dos sentidos, instinto mais primitivo presente nos seres humanos, a capacidade de interação e comunicação com os pares,

tomadas de decisão autônomas que aprimoram a apropriação e conhecimento do mundo, além de criar as bases necessárias para a formação social e cultural do cidadão.

6 REFERÊNCIAS

- BONOME-PONTOGLIO, Carina de Figueiredo; MARTURANO, Edna Maria. Brincando na creche: atividades com crianças pequenas. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 27, n. 3, p. 365-373, 2010.
- BROUGÈRE. Gilles. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1997. p. 11-24.
- CORSARO, Willian A. **Reprodução interpretativa e cultura de pares. in Teoria e prática na pesquisa com crianças**. São Paulo: Cortez, 2009.
- CHIOVATTO, M. (2000). O professor mediador. *ARTES NA ESCOLA, BOLETIM*, (24).
- FERNANDES, Marisa Zanoni. **A educação infantil como um projeto da comunidade: crianças, educadores e pais nos novos serviços para a infância e a família**. A experiência de San Miniato. 2012.
- FORTUNATI, Aldo. **Espaço e decoração: os fundamentos contextuais do planejamento educacional. In. Educação infantil como projeto de comunidade**. Porto Alegre: Artmed, 2009. p.59-66.
- GALVÃO, Isabel. Henri Wallon: **Concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- HADDAD, Lenira. Secretaria Municipal de Educação. **Orientações Curriculares para a Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Maceió**. Maceió/Alagoas. Edufal, 2015.
- Silva, P. R. D. (2012). **Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro**. *Proposições*, 23(2), 223-228.
- VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança**. In: Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais, Abr, 2007 (publicada em jun, 2008). Disponível em <http://www.ltlds.ufrj.br/gis/anteriores/rvgis11.pdf>.
- WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- DIAS FACCI, M. G. **A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vygotsky**. Cadernos Cedes. v. 24, n. 62, p. 64-81, 2004.
- WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. **O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal**. Petrópolis: Vozes, 2015. ISBN: 978-85-326-0208-4 Disponível em: Ebook - Livro - O Corpo Fala (Pierre Weil). pdf - Google Drive . Acesso em 09.02.2020